

Ateísmo e Agnosticismo

Joseph R. Farinaccio

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Todo mundo crê em algum tipo de realidade *última*. Os cristãos crêem que a realidade começa com um Deus infinito pessoal que revelou a si mesmo ao homem na Bíblia. De acordo com a Escritura, tudo que verdadeiramente existe tem seu ponto de referência no Deus que criou todas as coisas (Provérbios 1:7; Mateus 7:24-27). Apesar disso, existem aqueles que tentam construir uma visão metafísica que não reconhece a existência de Deus. Embora existam variedades de anti-teísmos tanto seculares como religiosos, a oposição mais agressiva ao Cristianismo histórico no Ocidente ainda vem do ateísmo naturalista.

Ateísmo não deveria ser confundido com agnosticismo. Por definição, ateísmo é a confissão que Deus não existe. É uma negação absoluta de todos os tipos de teísmos. O agnosticismo professa que ninguém pode realmente saber se Deus existe ou não. Tais oponentes da cosmovisão cristã devem encarar o fato que uma coisa é atacar as doutrinas da Bíblia, mas outra coisa totalmente diferente é defender as pressuposições básicas das cosmovisões deles, a partir das quais eles julgam os ensinamentos do Cristianismo.

Uma negação absoluta da existência de Deus levanta um problema imediato para alguém que professa ser um ateu inflexível. As suposições ateístas e naturalistas sobre a não-existência de Deus não podem ser *provadas* absolutamente. A finitude humana impede a possibilidade de investigar o cosmos inteiro para “ver” se Deus existe ou não. Uma negação absoluta da existência de Deus requereria que a pessoa possuísse conhecimento infinito. Um argumento ateu verdadeiro é argumentar que nenhuma das religiões do mundo oferece um caso convincente a favor da crença em Deus. Isso é, na verdade, um recuo ao agnosticismo.

A Bíblia ensina que todos os homens sabem que Deus existe, pois “o conhecimento de Deus é inerente no homem. Isso é assim em virtude da sua criação à imagem de Deus. Podemos chamá-lo de conhecimento inato”.² O problema não é falta de evidência, mas supressão deliberada de evidência (Rm. 1:18).

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em dezembro/2006.

² Cornelius Van Til citado em Greg Bahnsen, *Van Til's Apologetic* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 1998), p. 190.

A evidência para a existência do Deus Triúno é refletida através da natureza e operação da própria auto-consciência. O homem foi formado à imagem de Deus. De acordo com a Escritura, o homem é composto de um eu *interior* bem como de um eu *exterior*. O corpo do homem tem uma *alma*.

A crença central do ateísmo materialista é que somente as coisas “materiais” existem. Visto que essa posição assume que as realidades imateriais não são prováveis num universo apenas material, então, as realidades imateriais não existem ou não podemos saber que existem. Se essa suposição é fundamental para a cosmovisão dos ateístas, então os mesmos devem aderir a ela. Eles devem permanecer sobre esse fundamento intelectual para *interpretar todas as coisas*, incluindo *eles mesmos*.

O ateísmo materialista define a natureza do homem a partir das supostas origens e elementos “naturais”. Isso resulta numa visão muito restrita do homem. A incapacidade do materialismo explicar a natureza intangível da alma leva a uma incapacidade de explicar ou fazer distinções genuínas entre as propriedades físicas e mentais dentro da natureza do homem. Os estados imateriais da consciência não podem ser entendidos num universo apenas material. Ou a própria consciência é material ou ela é um estado de ser essencialmente gerado a partir de propriedades físicas. Contudo, se um desses pontos é adotado, então o livre pensamento abstrato pode ser apenas uma ilusão. Se nossas idéias e processos de pensamento são impulsos de matéria-energia, como conseqüências de forças naturais, então o pensamento não é algo que *nós escolhemos* fazer, mas é meramente algo que o *corpo faz* – como a regulação do batimento cardíaco ou o crescimento de cabelo. O estado mental é pouco mais que um resultado de reações fisiológicas e químicas dentro da anatomia humana. A noção de livre pensamento e seu uso na razão, lógica ou linguagem seria ilusória.

Se as *leis da lógica* emanam do corpo *físico*, e são o resultado do “mero acaso... então segue-se necessariamente que as moléculas do cérebro humano são também o produto do mero acaso. Em outras palavras, pensamos da forma que pensamos simplesmente porque os átomos e moléculas do nosso cérebro por acaso se combinaram da forma como se apresentam, totalmente sem uma condução ou controle transcendente. Dessa forma, até mesmo as filosofias dos homens, seus sistemas de lógica, e todas as suas abordagens para com a realidade são o resultado do mero acaso”.³

Sem dúvida, não é assim que a maioria das pessoas, incluindo os filósofos, entende a lógica. As leis da lógica “sem dúvida não são redutíveis à matéria, visto que não seriam leis – leis não são algo que podem ser examinadas fisicamente. Além do mais, visto que os princípios da lógica são universais em natureza, os mesmos não são

³ Gleason L. Archer, *Encyclopedia of Bible Difficulties* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1982), pp. 55-56.

redutíveis a qualquer objeto (ou objetos) físico particular. Mas se eles não são matérias redutíveis, o que são? Não é suficiente dizer que são abstrações mentais, visto que abstrações nem mentes são possíveis dentro de uma cosmovisão ateísta. Nem podem ser convencionais, visto que se fossem poderiam ser mudados. E se podem ser mudados, então o resultado é toda sorte de absurdo – a declaração que Bill Clinton é o Presidente dos Estados Unidos poderia ser tanto falsa como verdadeira”.⁴

O problema de explicar as leis da lógica num universo materialista tem levado vários anti-teístas a tentar explicá-las dizendo que a lógica, seja o que for, é simplesmente inescapável, pois a fim de tentar e negar a razão humana, devemos exercer a lógica primeiramente. Em outras palavras, a lógica permanece por si mesma, sobre a base da experiência do homem. Contudo, para ser consistente com essa resposta, a pessoa que mantém essa opinião terá que estar aberta à possibilidade que as leis da lógica poderiam ser *refutadas* pela experiência humana finita no futuro. Os anti-teístas freqüentemente ignoram o ponto que o simples fato da lógica ser inescapável não significa que ela não tem *pré-condições*.

O anti-teísmo deve oferecer algum tipo de fundamento metafísico para a universalidade da lógica. A lógica reflete o pensamento coerente. E o pensamento coerente acontece dentro de uma mente. Alguém pode perguntar: *qual mente* estabelece o padrão *universal* para o pensamento lógico do homem? As leis da lógica não estão flutuando em algum lugar no cosmos. Se as habilidades cognitivas originam-se dentro do movimento dos átomos não-intelectuais, então o ateísmo também deveria apresentar uma resposta racional à pergunta: “Como é possível começar com a aleatoriedade e chegar à inteligência?”.

Embora muitos anti-teístas sejam ávidos em acusar os teístas de tomar posições que consideram como irracionais, de modo oposto, eles estão indispostos a admitir que suas pressuposições sobre a realidade tornam o próprio conceito de razão sem significado. “As teorias naturalistas ensinam na verdade que a mente humana é o acaso derivado de um processo irracional e sem mente. Isso significa que levada à sua conclusão lógica, a teoria evolucionista natural remove a base para a própria racionalidade. Ela reduz a razão humana a mecanismos bioquímicos e elétricos. Aqueles que argumentam que os pensamentos do homem podem ser plenamente explicados como o resultado das causas irracionais, estão no raciocínio tentando provar que não existem tais coisas como provas. É um processo auto-refutador usar a razão humana para questionar a validade da razão humana”.⁵

A fonte da personalidade humana é também inexplicável à parte da descrição da Bíblia da natureza transcendente da auto-consciência. O

⁴ Michael Butler, “The Great Debate Gets Personal,” *Penpoint* (Placentia, CA: Southern California Center For Christian Studies, Vol. 7 No. 7, 1996), p. 3.

⁵ Kenneth D. Boa, “What Is Behind Morality,” *Living Ethically In The 90's* (Wheaton, Ill: SP Publications, J. Kerby Anderson, ed., 1990), p. 39.

ateísta deveria explicar como a *personalidade* poderia proceder de um universo impessoal. O ateísmo materialista não pode “explicar a personalidade do homem. A personalidade (incluindo intelecto, emoção e vontade) é uma ordem maior que a impessoalidade e, todavia, o naturalista mantém que essa é um produto de fatores fortuitos impessoais. Contudo... nenhum efeito pode ser maior que sua causa. A personalidade não pode ser derivada de uma base inteiramente impessoal”.⁶

Começar com um universo impessoal no qual o homem é um mero produto da natureza tem levado até mesmo alguns a concluir que os seres humanos não têm maior dignidade intrínseca que qualquer outra criatura. O que faz a vida de uma pessoa ter maior valor que a vida de qualquer outro “animal” evoluído? Nas palavras de um ativista dos direitos animais: “Os liberacionistas dos animais não separam o animal homem, de forma que não existe nenhuma base para dizer que um ser humano tem direitos especiais. Um rato é um porco, que é um cachorro, que é um garoto. Todos eles são mamíferos”.⁷ O homem é apenas mais uma besta entre as muitas que apareceu no cenário através de causas fortuitas.

As visões não-teístas também tiram da vida o significado objetivo. A existência significativa é diretamente dependente de se nossas vidas têm ou não *propósito*. Mas de onde o homem deriva o propósito de sua existência? Ela não pode surgir de um envolvimento puramente natural porque a matéria randômica sem supervisão e direção não tem propósito objetivo; ela meramente “existe”. Visto que a vida do homem num universo ateísta seria o resultado do processo natural, então o significado objetivo não poderia ser derivado, ou mesmo assumido, de dentro de tal universo.

O significado objetivo não pode ser gerado a partir da existência finita da própria pessoa. O significado não pode se originar a partir do nosso mundo individual de relacionamentos pessoais, buscas econômicas, obras benevolentes ou expressões altruístas, porque há sempre uma “figura grande” com a qual devemos nos referenciar. “As atividades não criam significado; isso é inverter totalmente a questão. Se a vida em sua expressão existencial não tem nenhum significado, então uma mudança de atitude não muda a realidade de significado... A vida é acentuada com pouquíssimos propósitos e nenhum propósito último: pouquíssimos valores, mas nenhum valor último”.⁸ Para ter significado genuíno, a vida deve ser colocada dentro de algum tipo de estrutura filosófica a partir da qual possa derivar um propósito significativo. O significado deve ser definido por *algum ponto de referência maior que o indivíduo*. Mas se a condição humana é ultimamente apenas um

⁶ Kenneth D. Boa, “What Is Behind Morality,” *Living Ethically In The 90's* (Wheaton, Ill: SP Publications, J. Kerby Anderson, ed., 1990), p. 39.

⁷ Ingrid Newkirk citado em Fred Barnes, “Politics”, *Vogue*, September 1989, p. 542. Ingrid Newkirk é co-fundador do *People for the Ethical Treatment of Animals* (PeTA).

⁸ Ravi Zacharias, *A Shattered Visage* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1990), pp. 77,78,79.

resultado de “átomos aleatórios”⁹, então atribuir significado à nossa existência mortal é um auto-engano contra a realidade do niilismo.¹⁰

O Cristianismo bíblico começa com a revelação de Deus ao invés da natureza. Gênesis nos ensina que o homem não é o produto da natureza, mas antes uma criatura especial. Em contraste com as outras criaturas, somente o homem porta a imagem de Deus. O homem reflete alguns dos atributos do seu Criador. A natureza do homem é composta de corpo e alma. Essa alma possui auto-consciência, intelecto, vontade e consciência moral. Essas características imateriais da alma metafisicamente explicam a possibilidade do pensamento livre e do auto-conhecimento. Os atributos de Deus refletidos dentro da parte imaterial da natureza do homem refletem o significado da existência do homem e o capacitam a ter conhecimento dela.

O Cristianismo explica a personalidade humana porque na cosmovisão cristã não existe nenhum universo impessoal. O homem não é uma entidade impessoal. Os seres humanos são seres únicos e pessoais. Mas a personalidade não aparece simplesmente do nada. A personalidade existia antes do homem porque existe um Deus pessoal de quem o homem derivou características pessoais.

Esse mesmo Deus fornece um propósito para a vida. Nossa existência, relacionamentos, emoções, trabalho e até mesmo circunstâncias dolorosas são todas experiências significativas estabelecidas dentro do contexto de saber que Deus tem um plano divino para a humanidade que está sendo progressivamente realizado no tempo. Nossa vida, e suas realizações, não terminam na morte física. Morte na Bíblia nunca é retratada como uma cessação, mas sim uma transição de vida. A existência com propósito do cristão não é impedida pela morte física. A vida eterna que Deus oferece transcende barreiras materiais. Nossa existência individual tem significado porque é tecida na fábrica do plano eterno de Deus.

Como criatura criada à imagem de Deus, o homem possui uma mente que é capaz de pensar e raciocinar verdadeiramente, embora num escala finita. “... o pensamento de Deus representa coerência perfeita. Portanto, para os homens conhecerem coisas... eles também devem pensar coerentemente ou com consistência lógica... o cristão vê a lógica como um reflexo do próprio pensamento de Deus, e não como leis ou princípios que são mais ‘altos’ que Deus ou que existem ‘em independência de Deus e do homem’”.¹¹ “O cristão descobre, além disso, que a lógica concorda com a história [bíblica]. A lógica humana concorda com a história, pois deriva seu significado da história”.¹²

⁹ Douglas Wilson, “Disputatio – Justifying Non-Christian Objections”, Debate entre o Pastor Douglas Wilson e o ateuista Farrell Till.

¹⁰ *Nihilismo* refere-se à doutrina da falta de sentido.

¹¹ Greg Bahnsen, *Van Til's Apologetic* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 1998), p. 235.

¹² Cornelius Van Til citado em Greg Bahnsen, *Van Til's Apologetic* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 1998), p. 237.

Para que a interpretação da criação seja coerente ou lógica, ela deve ser interpretada dentro dos limites da revelação de Deus. Assim, “nos engajamos no raciocínio conceitual (utilizando universais e leis) porque fomos criados à imagem de Deus e assim, podemos pensar seus pensamentos segundo ele num nível finito e de criatura”.¹³

A Escritura permite que o homem finito tenha certeza do conhecimento verdadeiro sobre o cosmos infinito sem possuir na prática ele mesmo um conhecimento infinito. Na teologia cristã, é Deus quem tem conhecimento de todas as coisas. Todo aspecto da realidade foi concebido por Deus, condicionado por Deus e é presentemente conhecido por Deus. Quando o homem chega a “conhecer” qualquer fato ou verdade, ele está descobrindo uma porção do que Deus conhece exaustivamente. O conhecimento do homem é fundamentado nas verdades fundamentais seguras que Deus revela em sua Palavra. Podemos ficar confiantes que o conhecimento certo é possível mesmo que não possuamos um conhecimento infinito, pois a base epistemológica para o nosso conhecimento é segura.

O conhecimento de algo pelo homem, especialmente de si mesmo, começa com seu conhecimento de Deus. “Deus fez o homem uma criatura racional-moral. Ele sempre será isso. Como tal, o homem confronta-se com Deus... Para não conhecer a Deus, o homem teria que destruir a si mesmo...”.¹⁴ Com as pressuposições ateístas, é impossível interpretar racionalmente a natureza humana, pessoalmente ou por experiência, mas dentro do Cristianismo tais coisas têm uma firme base metafísica.

Fonte: *Faith with Reason*,
Joseph R. Farinaccio, p. 69-76.

¹³ Greg Bahnsen, *Van Til's Apologetic* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 1998), p. 239.

¹⁴ Cornelius Van Til citado em Greg Bahnsen, *Van Til's Apologetic* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 1998), p. 190.